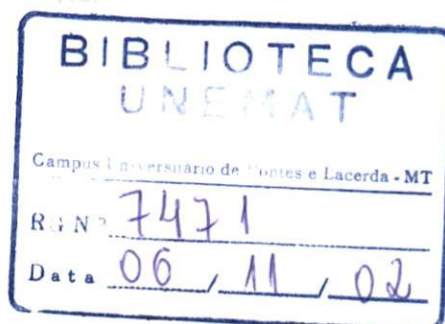


ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO DE LINGUAGEM NO ENSINO MÉDIO E
A CONSTRUÇÃO DO MUNDO

JAQUELINE MARIANO DA SILVA

8x2
C 92563772
371.214.1
S586e



PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO DE LINGUAGEM NO ENSINO MÉDIO E
A CONSTRUÇÃO DO MUNDO

Ensaio Monográfico apresentado como
trabalho de conclusão do curso de
Licenciatura Plena em Letras – UNEMAT
– Campus Universitário de Pontes e
Lacerda – MT,

Orientadora: Profª. Roseli Ferreira Lima

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

*EP “NÃO SE PODE EDUCAR SEM AO MESMO
TEMPO ENSINAR, UMA EDUCAÇÃO SEM
APRENDIZADO É VAZIA E PORTANTO
DEGENERA, COM MUITA FACILIDADE EM
RETÓRICA MORAL E EMOCIONAL” (KUENZER,
2000)*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPITULO I	
Ensino médio e a formação dos discentes.....	6
CAPITULO II	
O currículo e a legislação em vigor.....	9
CAPITULO III	
Linguagem e tecnologias.....	15
CAPITULO VI	
Organização curricular e autonomia.....	16
CAPITULO V	
A construção da Linguagem e a relação com o mundo.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
CONCLUSÃO.....	25
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	28
ANEXOS.....	29

INTRODUÇÃO

A produção que ora apresentamos tem o propósito de esclarecer como deve ser a construção curricular de linguagem para o ensino médio que vem decaindo em qualidade e quantidade, talvez por não obter recursos humanos qualificados, e financeiros suficientes, estaremos abordando como se dão esses diversos caminhos para se chegar a construção curricular, quais os objetivos propostos pelo governo e por diversos educadores, bem como a finalidade do conteúdo de língua portuguesa nas escolas de Ensino Médio e na vida sócio-histórica dos discentes.

Estaremos mostrando também a disparidade entre o que já está colocado para se preparar um bom currículo e a realidade dos educandos; sendo que o principal objetivo desta pesquisa é tentar mostrar o que poderia ser feito para que ocorra no futuro uma educação de melhor qualidade, formando assim cidadãos críticos preparados para a vida e não só para o mercado de trabalho.

Também apontaremos como se dava a maneira antiga de educar os discentes e como se deu a evolução da educação, bem como o avanço e aprimoramento do currículo de Língua Portuguesa, mesmo com tantos obstáculos e falhas a serem superadas.

I CAPITULO

ENSINO MÉDIO E A FORMAÇÃO DOS DISCENTES

A educação no Egito era quase que imprescindível, foi uma educação voltada para a vida, isto é a escola era a base de uma formação para a vida política. A escola formava para o exército do poder. Esta era a prioridade das escolas do antigo Egito, segundo antigos documentos encontrados falando dos primórdios da educação desse país (...) *Egito, unicamente reconhecido como berço comum da cultura e instrução* (MANACORDA, 2000:10). Os documentos encontrados sobre a educação no Egito relatam como se davam a introdução de aprendizagem de “bons comportamentos” e a moral do poder, pois isto que a antiga educação egípcia visava e primava, ou seja, uma educação para a melhoria intelectual e espiritual de vida dos seus discentes. Através destes documentos podemos ter uma idéia de como se procedem os primeiros passos da educação e suas relações com a sociedade.

Em pleno século XXI, a educação sofre com a ausência das famílias na escola, do acompanhamento dos pais em relação a educação escolar de seus filhos. Os próprios pais confessam aos professores de seus filhos ter perdido a autoridade sobre os mesmos, e é por este motivo que os pais muitas vezes depositam na escola esse anseio em verem seus filhos educados e disciplinados.

A escola está sobrecarregada e conseqüentemente seus professores também, pois são atribuídos a eles diversos papéis, que deveriam ser dos pais ou no

mínimo dividido entre pais e escola; a mesma além de ensinar os conteúdos pragmáticos ainda fica com toda esta gama de afazeres ou deveres. Sendo que na educação antiga como no antigo Egito não era assim, pois: *A educação era transmitida autoritariamente, muito disciplinarmente de pai para filho* (MANACORDA, 2000:12).

Nesta transição do antigo para a educação moderna percebemos que houve muitas mudanças, muitas transformações boas e outras que surgiram e denegriram em muito a educação escolar, como cita o artigo 35 da L.D.B (LEI DE DIRETRIZES E BASES) em vigor que “o ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades: I . a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos (...), é notório que isto não acontece porque a maioria dos discentes trabalham no comércio com expediente de oito horas por dia, assim não há possibilidade desses das mesmas aprofundarem naquilo que estudaram em sala de aula, ficando limitado seu conhecimento, e o que o aluno aprende em sala de aula não é o bastante para formá-lo para a vida e sim apenas para que o mesmo seja aprovado no exame de admissão do ensino superior, pois o vestibular exigirá dele apenas conteúdos práticos e teóricos básicos sendo que *não seria, por tanto, exagero afirmar-se que o ex-ensino do 2º Grau tornou-se refém do vestibular* (CARNEIRO, 1998:14).

Já o parágrafo II tem como finalidade a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando(...), neste artigo percebemos que o ensino médio considera-se pleno e completo e que se for seguido “a risca” este parágrafo do artigo 35, o aluno sairá preparado e apto para a vida, e isto tudo não é real, haja visto que a mão de obra no Brasil é em geral despreparada e desqualificada, não estando apta para o mercado de trabalho vigente, que é tão exigente e que a cada ano que passa exige mais e mais

de seus trabalhadores, como vimos o artigo 35 e seus parágrafos em muito deixa a desejar, pois os docentes e as escolas não estão conseguindo contemplá-lo em toda sua plenitude e o que é pior não conseguem pô-lo em prática, por isto é necessário que a escola se empenhe mais, unindo forças com a sociedade em geral, principalmente com a família na escola, haja visto que se cada um partir para um lado, uma teoria e uma prática diferente não terão resultados realmente efetivos.

Uma proposta nacional de organização curricular, portanto considerando a realidade federativa e diversa do Brasil, há que ser flexível, expressa em nível de generalidade capaz de abarcar propostas pedagógicas diversificadas, mas também com certo grau de precisão, capaz de sinalizar ao país as competências que se quer alcançar nos alunos do ensino médio que melhor potencializem esses resultados. O roteiro de base para tal proposta será a L.D.B. Para introduzir a organização curricular de base nacional, é preciso recuperar o caminho percorrido por este parecer.

(SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, 1998:95).

II CAPITULO

O CURRÍCULO E A LEGISLAÇÃO EM VIGOR

A L.D.B. em seu artigo 36 parágrafo I diz que o aluno deverá compreender o significado da (...) *Língua Portuguesa como instrumento de comunicação, a caso ao conhecimento e exercício da cidadania* e no parágrafo II que este discente deverá ter e entender os “ conhecimentos das formas contemporâneas de linguagem”; Mas a L.D.B. não especifica as formas e nem sugere a maneira do docente chegar neste ponto e atingir seu objetivo.

Já o artigo 1º determina que as disciplinas curriculares, as metodologias e os procedimentos de avaliação devem convergir para que o aluno desenvolva as capacidades necessárias de compreensão dos códigos básicos da moderna produção, e revele-se familiarizado com as formas contemporâneas de comunicação e, ainda, possua conhecimentos de filosofia e de sociologia capazes de posicionar este educando adequadamente como cidadão; Sendo que “o fazer tecnológico não se esgota num conteúdo meramente manipulativo” como ensinam as lingüísticas ao dizerem que não se pensa através das idéias, mas através de palavras e estas têm seu “dinamismo” na língua.

No inciso I do artigo anterior referido consta que um modelo de currículo adequado aos novos conteúdos tecnológicos deverá centrar-se não apenas nos processos produtivos tradicionais, mas também nos processos automatizados, o que implica numa educação com vários níveis de formação. Sendo que o fundamental é

que o currículo esteja iluminado por um saber, por uma linguagem comum e por processos congruentes.

Esta perspectiva curricular se opõe inteiramente à tradicional formação passiva dos alunos do ensino médio que tem como meta a preparação para o vestibular, não sendo só os alunos também os professores e a comunidade em geral que tem esta visão unívoca do processo educacional: *O currículo trabalha um conhecimento sempre provisório*” (CARNEIRO, 1998:18).

Na educação antiga o currículo não visava vários níveis de formação, a educação tinha fins didáticos, ou seja, seria repassado para os discentes aquilo que existia na prática, sendo que haveria a formação de uma teoria comum para que todos a entendessem e a seguissem. Platão, o grande filósofo, pensava na educação dos cidadãos como guerreiros, a partir da seleção dos discentes que demonstravam mais aptidão para serem guerreiros; passado algum tempo Platão retorna essa idéia anterior reprojutando, ou seja, reformulando esses temas como a geometria, a aritmética e a estereometria, a fim de que eles não tivessem apenas fins práticos, como o filósofo pensava antigamente, mas que tivesse fins de promoção, elevação e conversão do espírito.

Outro grande filósofo Aristóteles primava a educação que tornasse o homem livre para que o mesmo pudesse escolher meios que visassem melhorar sua própria cultura, mas um novo caminho surgia em meio a utopia platônica e a reconsideração Aristotélica.

Temos também outra teoria, a de Isócrates, que consiste na instrução oratória e na retórica, a arte de falar em público nos conselhos e nas assembléias, e isto

definirá por um longo tempo o conteúdo e o fim da instrução grega. Hoje estes conteúdos são chamados de lingüística, ou arte da eloquência, tornando-se assim uma cultura por excelência.

Desde a Antigüidade a escola visa a emancipação, ou seja, tornar o homem um ser responsável por sua própria cultura com fins de que isto o torne um homem melhor, e envolvido no seu meio sócio político se posicionando de maneira crítica em face aos problemas existentes da vida pessoal, profissional e psicológica.

Visto que o currículo das escolas conservadoras não levam em conta o aspecto sócio histórico do aluno, para que ocorra a evolução de seu ser em face a vida, muitas vezes os órgãos superiores como: secretarias, ministérios, entre outros órgãos educacionais que ditam regras e determinam que o aluno vivencie a realidade do cotidiano da escola que eles supõe conhecerem. Esses órgãos deveriam estar mais a par da vivência do aluno e se preocuparem realmente com o meio social em que estes educandos vivem.

A L.D.B. coloca que *as escolas certamente identificarão as atividades e conteúdos relacionados às diferentes formas de expressão, das quais a língua portuguesa é imprescindível* e que a escola deve *evidenciar a importância de todas as linguagens*, bem como o discente deverá *saber usar as linguagens em diferentes situações ou contextos, considerando inclusive os interlocutores ou públicos* (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, 1998:96-97).

Cada escola deve montar seu próprio currículo sobre linguagem, pois é partindo da realidade do bairro onde a escola se encontra e da vivência dos alunos,

que se pode atingir os resultados esperados. Segundo Ilma Passos Alencastro Veiga e Maria Helena F. Cardoso o pensar e o fazer currículo e ensino devem ser tratados a partir da especificidade da escola e sua organização bem como a história de seus sujeitos.

A opinião das autoras acima citadas revela-se bem na visão de uma escola progressista, sendo que este sistema de ensino visa o *direito de todos os cidadãos de desfrutar uma formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos (...)* (VEIGA CARDOSO, 1995:81).

A escola progressista proporciona ao aluno uma formação mais humana, para que com isto ele conquiste seu espaço cultural e político, e possa reivindicar, criticar e questionar uma posição social digna. Para isto é preciso que a escola organize um currículo dinâmico e consciente, que envolva a sociedade. *Planejar currículo implica tomar decisões educacionais, implica compreender as concepções curriculares existentes que envolvem uma visão de sociedade, de educação e de homem que se pretende formal* (VEIGA, CARDOSO, 1995:83).

Ao se montar um currículo prepondera-se toda a historicidade do aluno e dos momentos históricos anteriores vividos pela escola e pela sociedade, portanto: *A relação com o passado deve ser cultivada, desde que se exerça uma compreensão do tempo como algo dinâmico, mas não simplesmente linear e sequencial* (SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO, 1998:38).

Para estar em sintonia com seus alunos a escola deve projetar seu currículo pautado em atender uma classe heterogênea de discentes, haja visto que os mesmos são de classes diferentes e também tem necessidades diferentes.

Na área de linguagem e códigos previstos na L.D.B. estão propostos as competências que dizem respeito a constituição dos conteúdos curriculares, e estes indicarão os caminhos para que os discentes exerçam com dignidade o exercício da cidadania. Mas a escola cabe o papel de escolher as diferentes formas de expressão para fazerem parte do conteúdo curricular a fim de aprimorar e instigar a busca do conhecimento mais aprofundado por parte dos discentes.

A L.D.B. sugestiona que as escolas preparem seus currículos do ensino médio de maneira que os mesmos sejam comum entre si, ou seja, que os currículos basicamente sejam um esqueleto, sendo só uma estrutura única e comum a todas as escolas; e que os conteúdos a serem incluídos em cada uma delas, tome como referência as competências descritas na própria L.D.B.

Os objetivos que constituem as competências e habilidade que permitem ao educando compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens, também são colocados pela L.D.B. que afirma ainda que o educando tem de ser capaz de confrontar opiniões e pontos de vistas sobre as diferentes linguagens, relacionando textos com seus contextos, bem como analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens.

A L.D.B. mostra a importância do aluno em associar o avanço tecnológico à linguagem como meio de integração com o mundo e que o mesmo deve aplicar a tecnologia da comunicação e da informação no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.

Podemos notar que a própria Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, concorda que a deficiência quantitativa e qualitativa de recursos docentes

para o Ensino Fundamental e principalmente para o Ensino Médio há muito se converteu num problema crônico.

A secretaria concorda com políticos, governantes e comunidade em geral de que pode ser problemático uma reforma no ensino, mas é necessário e urgente fazê-lo. Ela afirma ainda que esta reforma deva levar ao aperfeiçoamento com mais tentáculos, chegando mais perto de uma ação pedagógica, criando condições para que a escola possa buscar meios, métodos e práticas para construir e elaborar seus conteúdos de língua portuguesa no ensino médio com eficácia, de maneira clara e interessante para as duas partes (discentes e docentes).

Pelo caráter histórico que o ensino médio assumiu, percebe-se que o fator social é o mais forte, provocando assim uma desigualdade dos que têm acesso a esse tipo de educação que acabam pendendo para um lado profissionalizante ou acadêmico com objetivos humanísticos e econômicos.

As bases legais para o Ensino Médio brasileiro tem como marco o momento histórico dado pela L.D.B., que aponta o caminho político para o novo ensino médio brasileiro.

No artigo 36 da nova L.D.B. destaca-se a importância que se dá às linguagens, trazendo a Língua Portuguesa como forma de acessar o conhecimento, e ajudar o discente a exercer sua cidadania, ampliar seus horizontes, tendo assim acesso às tecnologias também existentes na linguagem.

III CAPÍTULO

LINGUAGEM E TECNOLOGIA

A tecnologia deve ser inserida na comunicação como meio de ajudar o discente a estar inserido no mercado de trabalho tão crescente e evolutivo. Para isto faz-se necessário que a preparação do discente se prolongue e que haja a oportunidade para que o aluno continue aprendendo e o professor continue tendo oportunidade de passar aos seus discentes novas formas de organização e a transmissão do conhecimento e ao mesmo tempo garantir aos alunos uma imersão crítica e qualitativa no mundo informatizado.

É interessante destacar que a informática ainda é uma novidade em muitas escolas, inclusive para o corpo docente que na sua maioria não foi formado para isso e tem dificuldades em orientar o seu aluno para tal avanço tecnológico, bem como a situação econômica dos discentes que na sua maioria nunca tiveram condições financeiras para pagar um curso de computação fora da escola. Por este motivo:

Os desafios situam-se na busca de novos conceitos e práticas que irão reformular as dimensões da tecnologia, do papel social do técnico inserido numa sociedade em mutação e do perfil de docente e alunos que irão atuar num mundo tecnologicamente diferente.

(KUENZER apud BASTOS, 1998:1).

IV CAPITULO

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E AUTONOMIA

Como princípio educativo a L.D.B. apresenta valores a serem trabalhados no currículo escolar que são a estética da sensibilidade, da política e a ética da identidade que só se torna eficaz quando consegue introduzir no discente a caridade, a honestidade e reconhecer que a educação é um *processo de construção de identidades* (P.C.N,1999:78); que visa aprimorar no discente valores específicos para que o mesmo possa viver de maneira digna consigo mesmo e com o seu próximo, podendo interagir na forma de linguagem toda essa experiência que fora passado a ele, discente, por seu docente que, já se conclui, que o mesmo tenha passado por toda essa aquisição de saber sistematizado e todo esse aprimoramento de valores e o socialize com seus alunos, dando a esses “valores” a importância necessária através da *mediação de todas as linguagens que os seres humanos usam para compartilhar significados (...) informações e valores sobre as próprias pessoas* (PARÂMENTROS CURRICULARES NACIONAIS, 1999:79).

No âmbito central da educação a identidade, a diversidade e autonomia da escola deve buscar parcerias facilitadoras como os sistemas existentes no Brasil, pois: *não se pode educar sem ao mesmo tempo ensinar; uma educação sem aprendizagem é vazia, portanto, degenera* (KUENZER,2000: 20).

Os sistemas que facilitam a organização de um bom currículo de Língua Portuguesa são o SAEB (Sistemas de Avaliação da Educação Básica), o ENEM

(Sistema de Exame Nacional do Ensino Médio), as Unidades Federais, os Sistemas de Estatísticas e os Sistemas Indicadores Nacionais entre outros.

Eles existem para que a autonomia das escolas não se tornem diretrizes, mas sim um mandamento calcado na L.D.B. em vigor; sendo essa autonomia capaz de fomentar no ensino médio a organização do currículo, tornando-o amplo e diversificado, mais humanístico e também científico; sem, é claro negligenciar a correção dos possíveis erros que possam vir a cometer os discentes:

A diversificação deverá ser acompanhada de sistemas de avaliação que permitam o acompanhamento dos permanentes resultados, tomando como referência as competências básicas a serem alcançadas por todos os alunos, de acordo com a L.D.B. as presentes diretrizes e as propostas pedagógicas das escolas”.

(PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1999:82).

O professor tem autonomia dentro do seu espaço físico, que é a sala de aula, mas deve ter atenção e buscar estar pautado nas leis de diretrizes e bases da educação para que essa conquista de por em prática conteúdos formulados por ele (docente), não se torne apenas um ritual. Ele deve buscar sempre uma forma de garantir a todos os discentes as mesmas oportunidades e adequar o ensino a cada característica individual. E para isto ocorrer o docente deve buscar desenvolver sua profissão com ética e autonomia inspirado na estética da sensibilidade, buscando a qualidade no seu fazer pedagógico: *O exercício pleno da autonomia se manifesta na formulação de uma proposta pedagógica própria, direito de toda instituição escolar* (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1999:84).

A linguagem é uma das formas mais especiais e imprescindíveis a serem trabalhadas pela escola, pois é através da linguagem que coexiste a interdisciplinariedade com todas as outras áreas do currículo, seja ela uma linguagem verbal, sonora, corporal ou outra, essa interdisciplinariedade existe e é formalizada por algum tipo de linguagem que interage com o pensamento, pois a linguagem verbal é como um processo de constituição de conhecimentos das ciências humanas, e a mesma pode ser vista como forma de aperfeiçoar o emprego da linguagem verbal formal.

Percebemos que o melhor uso da Língua Portuguesa e seus códigos se dá quando se alcança e se entende como ela é utilizada no contexto da produção do conhecimento científico, da convivência, do trabalho ou das práticas sociais. É muito importante e significativo que haja uma prática entre conhecimento e prática, onde tudo que esteja proposto no currículo faça parte de um contexto próximo do discente e que tenha muito significado para a vida do mesmo.

Segundo a L.D.B., as competências na área de linguagem podem ser contextualizadas na produção de serviços pessoais ou comunicação, sendo as relações públicas, administração e publicidade algumas das formas de linguagem usadas nessa contextualização e interação linguagem e meio social.

O jovem deve ser respeitado desde o início de sua aprendizagem de língua portuguesa no ensino médio, pois o discente não iniciara seu aprendizado do zero, mas sim, estará inserido nele uma bagagem formada por conceitos já adquiridos no cotidiano, carregado de valores e afetos resultantes de experiências próprias.

Segundo as DCNEM (Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio), em seu artigo 5º inciso III, as escolas devem adotar metodologias de ensino diversificadas, que estimulem a construção do conhecimento e mobilizem o raciocínio, a experimentação, a solução de problemas; No inciso IV reza que o professor deve reconhecer que as situações de aprendizagem provocam também sentimentos que requerem trabalhar a afetividade do aluno, mas não especifica que tipo de metodologias são estas, nem ao menos exemplifica, ou sugere algum caminho a ser percorrido para que o docente chegue a esta metodologia, ou seja, o docente irá trabalhar às escuras, através de “chutões” para se ter talvez algum “acerto” ou poderá ocorrer também um erro fatídico que reincidirá, infelizmente, sobre o docente.

A L.D.B. não deixa claro as formas de se montar os currículos, e aí vem as DCNEM, e mais uma vez jogando artigos e incisos colocando o que o professor deve fazer, mas não demonstrando, nem sugerindo como o professor deve fazer.

O docente precisa de capacitação continuada, para que o mesmo relacione teoria e prática, que indique, que surgira caminhos para ele, pois os currículos que eles produzirem precisam ser trabalhados, moldados e pautado em algo concreto, real e não em coisas lindas, lúdicas e que muitas vezes estão distantes de suas realidades e não há alternativas, isto é, o professor não encontra meios para se chegar a implantar com sucesso os artigos e os incisos, sejam eles da L.D.B. ou DCNEM.

Nas DCNEM, constam muitos incisos e decretos de como preparar os discentes para o trabalho, principalmente no artigo 7º inciso I, alínea C, contempla que deve haver “articulações e parcerias entre instituições públicas e privadas”, para que o discente seja integrado no mercado de trabalho ao sair do ensino médio, nesse

artigo podemos constatar que há falhas, pois não temos no mercado de trabalho, profissionais qualificados para atuarem naquilo que estão exercendo, prova disto é que a mão de obra brasileira é uma das mais baratas do mundo, e por isso existem tantas empresas estrangeiras no Brasil, que vem em busca desse tipo de mão-de-obra se beneficiando com esta situação para enriquecerem e aumentar mais seu capital.

V CAPITULO

A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO

Ao nosso ver está havendo muita preocupação por parte das DCNEM em preparar para o trabalho, sem mostrar meios de como se preparar para a vida de maneira crítica e eficaz, tanto que em nenhum momento percebemos caminhos que indiquem meios par que as pessoas usem a linguagem para se comunicarem de forma pacífica, usando de amor, para fazerem todas as atividades necessárias de um ser humano.

A DCNEM como vimos não indica e nem mostra como usar a linguagem a fim de que cada discente se torne uma pessoa humana capaz de realizar trabalhos maravilhosos que beneficie não só a si próprio, mas que melhore a vida da comunidade em geral.

Vejamos o que diz o inciso 2º da DCNEM para provar a nossa preocupação como o discente “O ensino Médio, atendendo a formação geral, incluindo a preparação básica para o trabalho, poderá prepara para o exercício de profissões técnicas, por articulações com a educação profissional mantida a independência entre os cursos”, notamos então que neste inciso em nenhuma palavra vemos essa brecha, esse segmento, o qual defendemos, que é o aprimoramento da linguagem e sua tecnologia como fonte de crescimento e melhoria de vida do discente e do docente no meio social, pois: *toda linguagem carrega dentro de si uma visão de mundo, punha de*

significado e significações que não além do aspecto formal (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1999:126).

Temos a linguagem como uma herança social, como produtos e produtora da cultura e da comunicação, sendo a razão de qualquer ato de linguagem a produção de sentido, de vendo o docente, então, se valer desse aspecto para além todos os demais caminhos a serem percorridos ao longo da vida dos discentes, que se prolongará até que eles se tornem maleáveis e desnudos da dureza da vida e do mundo externo.

Nos parâmetros curriculares nacionais consta que o discente deve *respeitar as diferenças de manifestações de linguagens utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização (...)*, ou seja, se o aluno atingir esse grau de maturidade, vai ser de grande valia ele e para seu grupo social, pois assim o mesmo crescerá socialmente ampliando sua visão de mundo: *As linguagens por suas características formativas, informativas e comunicativa, apresentam-se como instrumento valioso para esses fins* (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1999:130).

Notamos que a escola preza e ensina, é a variante padrão, mas consta nos comentários dos P.C.Ns., que a variante padrão pode ser comparada com outras variantes em aspectos fonológicos, sintáticos e semânticos, que não terá problema algum, ao contrário, enriquecerá ainda mais só o saber sistematizado do aluno.

O ensino da Língua portuguesa no ensino médio é o carro-chefe para se melhorar as condições comunicativas entre todas as outras disciplinas, trabalhando assim a interdisciplinariedade, teremos a construção e o reconhecimento da intertextualidade.

O docente deve considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representações simbólicas, sendo que o discente

viverá as experiências humanas que essa legislação apresentar, e incidirá na sua forma de sentir, pensar e agir na vida social.

A língua portuguesa é um produto de linguagem e carrega dentro de si uma história dicotomizada de significados. A escola deve promover o espaço para que o discente verbalize e aprenda a conviver com as diferenças lingüísticas, ou seja, as variantes lingüísticas e também aprenda a colocá-la em público, havendo assim outros a aprenderem a respeitar esse espaço, com isso a auto estima do aluno será, com certeza, melhorada e quanto mais se ampliar o domínio que esse discente tiver da língua, ele poderá comunicar a norma culta com mais facilidade ou mesmo transgredi-la, formando assim seu próprio estilo cultural e lingüístico.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais determinam que o aluno do Ensino Médio deverá confrontar opiniões e pontos de vista sobre diferentes manifestações da linguagem verbal, pois assume que não havendo isto o aluno chegará ao ensino superior e terá dificuldades em expor suas opiniões e ponto de vista, e isto, cremos ser uma grande verdade, haja visto que cursamos uma Universidade, e nesta constatamos discentes apontando que sempre foram podados e não tiveram oportunidade de expor aos demais colegas de sala de aula suas opiniões.

Os discentes, às vezes, trazem de casa essa barreira já imposta na sua linguagem, que é reforçada na escola por um professor autoritário, não expondo aos discentes como o exercício da fala e da escrita poderão ajudar na sua vida social. *Compreender a língua é saber avaliar e interpretar o ato interlocutivo, julgar, tomar uma posição consciente e responsável pelo que se fala/escreve* (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1999:143).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos esta pesquisa procuramos mostrar através do quadro teórico, os variados caminhos que existem para os docentes prepararem um currículo de Língua Portuguesa adequado à realidade de seus educandos, respeitando assim seus limites e procurando ajudá-los a superar os desafios da vida e irem mais além.

Após as leituras realizamos duas entrevista em duas escolas estaduais do Ensino Médio em Pontes e Lacerda - MT., compreendendo assim através das respostas dos professores "A", "B" e "C", conforme entrevistas em anexo, que já há uma certa preocupação em adequar o currículo de linguagem a realidade de cada educando, mas ainda estão limitados e preocupados em prepararem o educando apenas para o vestibular e par concursos públicos.

Os docentes entrevistados, ao nosso entender estão tendo uma nova visão sobre a importância da linguagem na vida dos educandos, e mesmo não acreditando que a montagem do currículo em suas escolas sejam ótimas, sentimos através de suas respostas à entrevista que os mesmos já tem uma visão um pouco mais ampla e crítica, buscando assim novos caminhos para se formar um educando capaz de atuar ativamente no meio social em que vive.

Notamos, ainda através das entrevistas que os docentes sabem que a linguagem é o princípio, é a base na vida dos educandos. Isto nos dá confiança para melhorarmos cada vez mais a montagem do currículo de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, nos tornando educadores críticos e inovadores diante da estrutura e do sistema educacional já imposto à nós futuros docentes.

CONCLUSÃO

O espaço que a língua portuguesa ocupará na escola servirá para garantir a ética e estética da linguagem verbal, bem como provar ao discente que pela linguagem é possível transformar o mundo social do mesmo e reintegrá-lo ao meio cultural e pessoal, fazendo com que ele aceite e saiba lidar com a complexidade humana e a linguagem que a envolve.

Toda essa pesquisa sobre a formação e/ou construção do currículo nos leva a observar e até mesmo nos sentirmos indignados de como os docentes têm pouco embasamento teórico sobre a linguagem no município de Pontes e Lacerda, nos leva a indagar se nossos discentes estão se tornando cidadãos críticos e com uma formação para a vida social participativa e atuante.

As escolas que observamos durante nossa pesquisa, ainda estão muito presos às regras que vêm prontas e acabadas de órgãos superiores do âmbito escolar e, praticamente, não há nada a acrescentar, mudar ou fazer, sendo que não devia ser assim, teria que se discutir, refletir, criticar sobre tudo que vem de órgãos superiores à escola e adaptar tudo à realidade histórico-político-cultural do discente do município de Pontes e Lacerda e até mesmo de cada bairro onde se situa a escola.

Assim como afirma Carlos Alberto Faraco apud Kuenzer, temos que desaprender, “jogar fora” todo estabelecido, a fim de que consigamos reformular o ensino médio dentro das novas propostas da L.D.B.. É preciso, antes de mais nada, tornarmos docentes conscientes e críticos do sistema que também é formado por nós

e querendo ou não estamos envolvidos nesse emaranhado mundo da linguagem que reflete na vida política e social de todo cidadão, seja ele discente, docente ou não.

Carlos Alberto Faraco afirma, ainda que precisamos começar por reconstruir nossa concepção de linguagem e que nesse processo, é importante termos claro que não existe uma forma única de concebermos a linguagem, e que nosso desafio inicial seria, portanto, romper com essa reificação da linguagem e essa alienação dos falantes. Essa ruptura só será possível e produtiva, se resgatarmos a linguagem não como uma coisa externa aos falantes, mas como um conjunto aberto a atividades sócio interacionais.

Concordamos com Faraco, ao afirmar que a postura da linguagem é o desafio de se romper com o estabelecido, pois o novo, o diferente assusta aos docentes, mas os mesmos devem embasar-se mais teoricamente para conseguir uma construção curricular de língua portuguesa autêntica, que ofereça um currículo para atender às necessidades dos educandos e que seja de acordo com a realidade dos mesmos.

O currículo de língua portuguesa é primordial na vida sócio histórica dos discentes e na sua formação crítica e produtiva. O educador deve estudar e analisar muito bem as propostas da legislação em vigor e de todos os outros órgãos educacionais, que trata da montagem do currículo, ou seja, ter um olhar crítico, buscando aproveitar o máximo tudo aquilo que venha de encontro aos objetivos e necessidades dos discentes, respeitando sempre a realidade dos mesmos.

Mesmo com muitos obstáculos a serem superados alguns docentes já inovaram a montagem do currículo de linguagens no ensino médio, dispondo das novas tecnologias e obtendo muitos avanços, com isto oferecendo aos discentes uma educação de melhor qualidade. Esses docentes têm a visão de que a montagem e a boa organização curricular de língua portuguesa na vida dos educandos é a essência e o princípio de tudo, e que é a partir disso que se conseguirá formar cidadãos críticos e preparados não só para o mercado de trabalho, mas também para a vida.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- APPLE, M. W. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982. – trabalho docente e textos: economia, política da relações de classe e de gênero em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. – *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. – Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- CARNEIRO, Moaci Alves – *L.D.B fácil: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo* - 6 ed.
- KUENZER, Acacia Zeneida (org.). *Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho* – Cortez: São Paulo, 2000.
- MANACORDA, Mário Alighiero – *História da Educação (da Antiguidade aos nossos dias)*: tradução de Caetano Lo Monaco: revisão da tradução Rosa dos A. O. e Paulo Nosela, 8 ed., Rio de Janeiro: Cortez, 2000.
- MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. *Novas Perspectivas para o Ensino Médio*/ Secretaria de Estado de Educação. Cuiabá, MT: SEDUC, 1998.
- Petropolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho Científico*. 21 ed., São Paulo: Cortez, 2000.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Cardoso, Maria Helena Fernandes (orgs.) – *Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico (Escola Fundamental – Currículo e ensino)*. 2 ed. Papirus, São Paulo, 1995.

ANEXOS

PROFESSOR "A"

1. Como ocorre a construção do currículo de Língua Portuguesa na 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio?

Acredito que esteja falando do currículo anual (planejamento anual) se for isso, acontece assim, nós, professores dessa área nos reunimos, discutimos os prováveis conteúdos a serem desenvolvidos durante o ano, traçamos mais ou menos a linha de trabalho e a partir daí é confeccionado o planejamento anual.

2. Qual o objetivo do currículo de Língua Portuguesa na 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio?

O objetivo ideal seria trabalhar com o processo da constituição do relacionamento da língua, saber o funcionamento da língua e tudo o que ela proporciona ao sujeito, mas o real objetivo está longe disso, acaba, voltando-se para o estudo mecanizado, resultados a curto prazo, que não existem.

3. Como ocorre a seleção dos conteúdos a serem trabalhados na 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio?

Através do Livro Didático.

4. Espaço livre para que você comente sua construção curricular de Língua Portuguesa no Ensino Médio de sua escola?

Acredito que os professores precisam entender o que significam primeiro os Temas Transversais, para depois iniciar uma conversação sobre a “construção curricular”. Parece estar fazendo diferente, mas acaba na mesmice. Não vejo suporte teórico e estrutura pedagógica para ser diferente.

PROFESSOR "B"

1. Como ocorre a construção do currículo de Língua Portuguesa na 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio?

Depende, se o aluno for pré- vestibulando, atenderemos às necessidades dele, caso contrário seguimos o planejamento.

2. Qual o objetivo do currículo de Língua Portuguesa na 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio?

Desenvolver a escrita e o senso crítico, interpretação e até mesmo a oralidade, enfim Língua Portuguesa é a essência de tudo.

3. Como ocorre a seleção dos conteúdos a serem trabalhados na 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio?

Após uma pré – avaliação durante uma semana, reúnem-se dados a aprendizagem geral da sala, e a partir daí constrói-se um planejamento sobre as necessidades dos alunos.

4. Espaço livre para que você comente sua construção curricular de Língua Portuguesa no Ensino Médio de sua escola.

A nossa construção é feita a meu ver de maneira satisfatória, colhemos informações dos alunos sobre seus objetivos e discutimos em conjunto a melhor maneira de atendê-lo e tem dado certo, pois os mesmos nos ajudam nesta construção.

PROFESSOR "C"

1. Como ocorre a construção do currículo de Língua Portuguesa na 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio?

Através de um levantamento das necessidades em que os alunos tem em se preparam para o vestibular ou até mesmo para um concurso público, não esquecendo sobretudo de trabalhar a realidade do aluno dentro dos textos e contextos em que se encontram nos livros didáticos, que de certa maneira os ajudam a melhor entender o conteúdo programado.

2. Qual o objetivo do currículo de Língua Portuguesa na 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio?

O principal objetivo é fazer com que o aluno termine o ensino médio com maior conhecimento gramatical, onde ele possa de certa forma produzir um texto de língua portuguesa, colocando o conhecimento de mundo que ele tem, sendo ele político, social ou até mesmo econômico.

3. Como ocorre a seleção dos conteúdos a serem trabalhados na 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio?

Através dos conteúdos e quem se encontram nos livros didáticos, não ficando somente em uma única fonte de ensino, mas em vários, onde o professor possa trabalhar a interpretação, a oralidade, escrita e não esquecendo, o mundo atual do aluno.

4. Espaço livre para que você comente sua construção curricular de Língua Portuguesa no Ensino Médio de sua escola?

Levamos aos alunos a melhor forma de ensinarmos, e deles aprenderem, onde de uma certa maneira atenda as necessidades dos mesmos, sem deixar as aulas ficarem cansativas.